

# RESUMO DE DISSERTAÇÃO

A psicose como escolha de uma posição subjetiva: da “escolha da neurose” em Freud à estrutura e os modos de gozo em Lacan

Psychosis as a choice of a subjective position: from the “choice of neurosis” in Freud to the structure and modes of enjoyment in Lacan

La psicosis como elección de una posición subjetiva: de la “elección de la neurosis” en Freud a la estructura e los modos de goce en Lacan

*Camila Alvarenga Côrtes\**

*Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilka Franco Ferrari (orientadora)*

O ponto de partida dessa dissertação é o que Freud, na “Carta 125” (1899) de sua correspondência com Fliess, chama de problema da “escolha da neurose” e a frase de Lacan, em “A ciência e a verdade” (1965), que “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis”.

A importância de se tomar a psicose pela via de uma escolha e não como determinação tem relação a um propósito ético da psicanálise que visa à responsabilização do sujeito e que implica uma desculpabilização da família, da sociedade, da genética ou dos neurotransmissores quanto à existência de sujeitos psicóticos.

O percurso da investigação da psicose como uma escolha tem início na obra de Freud, passando pela primeira clínica de Lacan, chegando a seu termo na última clínica deste autor.

No primeiro capítulo, intitulado “Freud e a questão da ‘escolha da neurose’”, abordou-se o tema da etiologia das neuroses na obra freudiana. Partiu-se do ponto em que o autor se questiona a respeito do problema da “escolha da neurose”, antes mesmo da criação da psicanálise, época em que Freud já se questionava sobre a etiologia das neuropsicoses. Estas abarcavam o que ele chamou posteriormente tanto de neuroses como de psicoses, permitindo então que se tomasse sua expressão para pensar também numa escolha da psicose.

---

\* Texto recebido em julho de 2010 e aprovado para publicação em julho de 2010.

\* Mestra em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilka Franco Ferrari. Avenida Deputado Cristóvam Chiaradia, 288, bloco 2, apto. 204, Buritis, Belo Horizonte-MG. E-mail: ca.alvarenga@terra.com.br.

Inicialmente Freud entendia as neuropsicoses como formas de defesa do Eu frente a ideias sexuais intoleráveis, diante das quais o mecanismo do recalque se imporia. A incidência do recalque caracterizaria, então, cada forma de neurose específica.

Poder-se-ia pensar que o Eu, responsável pelo recalque, seria também responsável pela “escolha da neurose”. No entanto, seu mecanismo não era claro. Por que o recalque ocorreria de forma diferente em cada tipo de neurose se o funcionamento do aparelho psíquico se dava pelo princípio do prazer? Freud apontava então que a definição do tipo de recalque dependeria da cronologia da ocorrência das cenas sexuais na infância, inicialmente abordando esse ponto pela teoria da sedução, passando, em seguida, à teoria da fantasia.

Desde essa época inicial, Freud apontava que a hereditariedade poderia ser um fator a mais, que influenciaria a “escolha da neurose”, mas que não era algo determinante.

Passa-se então à abordagem da primeira tópica freudiana, em que o autor teorizou as três instâncias, Ics, Pcs e Cs e a teoria da libido. De acordo com ela, as neuroses de transferência seriam aloeróticas e as neuroses narcísicas (posteriormente denominadas como psicoses) autoeróticas. Nesse momento, o problema da “escolha da neurose” era tomado como relativo à fixação da libido em pontos do desenvolvimento. Cada estágio do desenvolvimento da sexualidade poderia fornecer possibilidades de fixação, aos quais a libido poderia fluir regressivamente. Freud afirma, nesse momento, que os fatores constitucionais de tais fixações seriam tanto hereditários quanto efeitos de experiências infantis.

No Caso Schreber, Freud tem a oportunidade de apontar o mecanismo de recalque na paranoia, relativo a uma retirada da libido dos objetos e seu retorno para o Eu, com base em suas teorizações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico e as relações do sujeito com a realidade.

A partir de então, o autor não mais utilizará o termo “escolha da neurose”, mas abordará os conflitos entre as instâncias psíquicas propostas em sua segunda tópica, Eu, Id e Supereu, considerando as relações com as pulsões e a realidade. De acordo com essa nova proposição, a neurose seria decorrente de um conflito entre o Eu e o Id, e a psicose, entre o Eu e o mundo externo. O Eu seria a instância central do psiquismo, tendo que servir a três senhores ao mesmo tempo, a saber, o Id, o Supereu e a realidade.

A não realização de um desejo infantil era tomada como etiologia comum à neurose e à psicose, sendo que o efeito patogênico dependeria não da não

realização do desejo, mas da atitude do Eu frente a isso, que poderia permanecer fiel à realidade ou subjugar-se ao Id, afastando-se dela.

Nesse ponto, toma-se a famosa frase freudiana, “*Wo es war, soll Ich werden*”, traduzindo-a com Lacan por “Ali onde se era, é meu dever que eu venha a ser”. Essa frase é importante para se considerar que o Eu advém em um lugar onde antes não estava. Dessa forma, ele não é propriamente o agente de uma escolha, mas há algo que opera no lugar onde ele virá a ser.

A essa questão pode-se aproximar a elaboração de Freud sobre as funções do juízo. De acordo com ele, haveria duas funções: a de atribuição, que diz respeito à inclusão ou expulsão do Eu de um objeto considerado bom ou mal, respectivamente, e a de existência, o teste de realidade, relativa à verificação da existência de um objeto na realidade.

A emissão de juízos é uma função intelectual, que surge do jogo de forças dos impulsos pulsionais primários, e não supõe um sujeito que a realize. O juízo age no lugar onde um sujeito virá a ser, podendo-se localizar, então, uma atividade que parte do lugar onde o sujeito irá constituir-se.

Freud pesquisa então a relação da criança com a realidade da castração, pela via do fetichismo. Ele percebe que, nesse caso, um mecanismo diferente do recalque ocorre e o nomeia de *Verleugnung*. O que fica posto em questão é o posicionamento da criança frente à castração materna, que se impõe como realidade perante a qual ocorrerá uma afirmação ou uma rejeição.

Apesar de definir com clareza o mecanismo do fetichismo, em oposição ao recalque na neurose, Freud não consegue realizar o mesmo em relação à psicose, ainda que tenha dado indícios de que percebia como bastante diferente o “recalque” da psicose em relação ao da neurose. É Lacan, ao trabalhar os textos freudianos, e definir neurose, perversão e psicose como três estruturas distintas, que tomará o termo freudiano *Verwerfung*, traduzindo-o como forclusão.

A partir desse ponto, introduz-se o segundo capítulo, “A primeira clínica de Lacan: ‘não fica louco quem quer’”.

Esse capítulo se inicia com o esclarecimento do que se entende por *sujeito* e *escolha* quando se fala em psicose como escolha subjetiva. Isso porque dizer *sujeito* que *escolhe* não é correto, já que, no momento em que tal escolha ocorre, não se pode dizer ainda que ali há um sujeito e sim que ali um sujeito irá advir. Assim, em cada momento do ensino de

Lacan, o agente da escolha é abordado de forma distinta, de acordo com suas elaborações do momento, e o próprio uso do termo *escolha* é também modificado, usando-se também decisão, assentimento ou escolha forçada, seguindo também as indicações e termos lacanianos.

A primeira abordagem de Lacan a respeito da constituição subjetiva é relativa às suas teorizações sobre a aposta em uma causalidade psíquica, e não orgânica, para as psicoses, momento em que ele falará sobre a “insondável decisão do ser”.

Posteriormente a isso, quando trabalha a constituição do Eu no estágio do espelho, aponta que cabe à criança se alienar a uma totalidade imaginária referente a uma imagem que vem do outro.

Em seu primeiro ensino, a psicose é teorizada como decorrente da forclusão do Nome do pai, tomada como um acidente, uma falha estrutural. Nessa época, Lacan aponta que o “sujeito em sua infável e estúpida existência” está totalmente implicado em sua constituição, mas diz também da importância da relação com os pais, de forma que a escolha aponta então para certa limitação e arbitrariedade, já que depende de algumas contingências da vida do sujeito.

Outra teorização de Lacan a respeito de uma escolha subjetiva é encontrada em suas elaborações sobre o mecanismo da privação, em que fica posta para a criança a possibilidade de se aceitar ou recusar a privação materna, entre ser e não ser o falo.

Lacan usará a expressão freudiana pela primeira vez, localizando-a como o primeiro assento da orientação subjetiva, que ocorreria em relação a *das Ding*, sendo a primeira escolha subjetiva que orienta toda a função do princípio do prazer. A partir desse ponto, em sua teoria, pode-se localizar a importância da relação do sujeito com as pulsões, para além da relação com o significante. O sujeito advém da relação com a pulsão.

Ao trabalhar as operações de alienação-separação, constitutivas do sujeito, Lacan indica que o sujeito não é dado de início, mas se constitui a partir do campo do Outro. Frente a essas operações lógicas, o sujeito deve se posicionar, assentindo ou não com a alienação. A essa escolha forçada Lacan dá o nome de *vel* da alienação. Ela diz respeito a uma obrigação do ser falante em se posicionar frente à linguagem, que se apresenta para todo ser humano. Na psicose, esse assentimento não ocorre, havendo um mecanismo que opera no sentido de não assentir

com a afirmação primordial.

Lacan indica que o sujeito não é causa de si e, se há uma causa, esta é relativa ao objeto *a*.

A segunda e última vez que Lacan usa o termo de Freud é para dizer da importância de como os pais apresentam o desejo ao sujeito. Nesse momento, ele afirma que a escolha da neurose é chamada assim impropriamente, já que ela é feita no nível em que se apresenta para o sujeito, o saber, o gozo e o objeto *a*.

A questão da relação ao gozo na constituição subjetiva fica cada vez mais evidente no ensino de Lacan. A mãe não é mais apresentada pela via do “Desejo da mãe”, como já mediada pela lei simbólica, mas como um “grande crocodilo de boca aberta”, evidenciando o capricho materno.

Passa-se então ao último capítulo, “A segunda clínica de Lacan: ‘Todo mundo é louco, quer dizer, delirante’”, em que a ênfase não é mais no simbólico, como na primeira clínica, e sim no gozo e no real. O matema  $S(A/)$  é usado pelo autor para explicitar a falta fundamental presente para todo ser falante, ou *falasser*, como ele passa a dizer.

O sujeito então surge da relação indizível com o gozo, e a escolha passa a ser relativa a um modo de gozo. As formas clínicas são vistas como diferentes formas de defesa contra o real, já que, frente a ele, todo *falasser* é chamado a se posicionar. O vivente trata o encontro traumático com o gozo de formas distintas, tratamento sempre particular, assim como a amarração do nó borromeano.

Quando Lacan afirma que “Todo mundo é louco, quer dizer, delirante”, a perspectiva da primeira clínica de que haveria uma condição que deveria ser cumprida para a constituição de uma psicose, a saber, a forclusão do Nome do pai, fica abalada, e o que fica em questão é que sempre falta um elemento para enlaçar real, simbólico e imaginário, sempre falta um significante no campo do Outro. É o que Miller define por forclusão generalizada.

Lacan, ao final de seu ensino, ainda apontará que “entre loucura e debilidade mental, não temos senão escolha”, indicando que, frente ao real, cabe escolher a via da debilidade, ou seja, o seu tratamento pela via simbólica, constituindo o inconsciente enquanto débil para tal, como um engano, ou não tratar o real por essa via, como na psicose. A forma do tratamento do real é que caracteriza então o modo de gozo de cada *falasser*.

As indicações de Miller e Soler de que o gozo elege o sujeito são preciosas, conforme apontam para a questão do sujeito como uma defesa contra o gozo. É em relação à pulsão que o sujeito irá constituir-se, e a escolha se dá desde o gozo, desde a pulsão.

Quanto a esse ponto, ressaltou-se o posicionamento da criança em relação à mãe, especialmente no que toca a questão da pulsão invocativa. A mãe deve falar à criança, mas cabe a esta ouvir e fazer-se escutar. No entanto, a criança pode apresentar uma recusa nesse nível, como se pode perceber nos casos de autistas.

Ao final do ensino de Lacan, é interessante que se possa fazer um retorno aos primórdios da obra freudiana. Freud, ao tecer elaborações sobre o aparelho psíquico, aponta para a existência de um registro de traços de percepção, nomeado de WZ, que seria relativo a um momento em que não se poderia falar em subjetividade propriamente dita, mas que seria crucial, relacionado ao advento do sujeito. Em algum momento, um desses traços poderia constituir-se no traço inaugural do inconsciente. Freud apontava que uma falha na tradução de um registro para outro poderia ocorrer e que tais falhas justificariam as diferenças entre as neuropsicoses. Haveria um mecanismo funcionando na tentativa de evitar o desprazer, antes mesmo do advento do sujeito. Relacionando as elaborações de Freud com as de Lacan, nota-se que o vivente é chamado a posicionar-se, de alguma forma, frente ao gozo.

Ao final da pesquisa, foi possível concluir que é possível se pensar em escolha pela psicose ou na psicose como uma escolha subjetiva, de formas distintas, nos diversos momentos das obras de Freud e Lacan, tomando o cuidado de ressaltar que tal escolha não é realizada independentemente do que é apresentado ao vivente, mas que, frente ao que lhe é apresentado, cabe a este um posicionamento.